



Leandro Pereira de Sousa Macêdo *

Robison Raimundo Silva Pereira **

RESUMO

O vigente trabalho tem como objetivo, através de análises bibliográficas compreender como a postura tida como neutra de muitas escolas e de grande parte dos seus profissionais, acaba ajudando na produção e reprodução de racismos, preconceitos e discriminações contra o negro dentro e fora da escola, bem como trazer para discussão meios relevantes com relação a atitudes que nossas escolas e seus docentes devem ter de acordo com as realidades dos seus alunos. Os resultados da pesquisa mostram que nossa educação ainda insiste em ocultar e camuflar atos que fazem do negro, um ser desvalorizado dentro da sala de aula, como também a não intervenção do professor nestes momentos acabam reforçando os pensamentos da classe dominante que preferem uma escola homogênea e não uma educação que priorize a diversidade. Portanto as reflexões aqui contidas mostram que nossa educação deve imediatamente rever seus conceitos e práticas, pois caso continuem utilizando metodologias que não ajudam seus alunos a serem realmente críticos, acabará ajudando a produzir e reproduzir mecanismos que deixam a margem grupos, e identidades culturais tidas cotidianamente como ruins.

Palavras-chaves: Neutralidade. Educação. Negro. Identidade Cultural.

ABSTRAT

The current study aims, through bibliographic analysis to understand how the neutral stance taken as many schools and much of its professionals, just helping in the production and reproduction of racism, prejudice and discrimination against black inside and outside the school, well as bring relevant media discussion regarding attitudes that our schools and their teachers should have according to the realities of their students. The results shows that our education still insists hide and camouflage acts that make black be devalued in the classroom, as well as non-intervention teacher these moments just reinforcing the thoughts of the ruling class who prefer a homogeneous school and not an education that prioritizes diversity. So the reflections contained herein show that our education should immediately revise their concepts and practices, because if they continue using methodologies that do not help students to be really critical, ultimately helping to produce and reproduce mechanisms that leave the bank groups, cultures and identities taken daily as bad.

Key words: Neutrality. Education. Negro. Cultural Identity.

1 INTRODUÇÃO

* Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia – Bloco IX – UESPI Campus de Floriano.

** Docente da Universidade Estadual do Piauí. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade de São Carlos.



Há muito tempo a educação brasileira vem sendo utilizada para produzir e reproduzir mecanismos de desvalorização da identidade e cultura dos afro-brasileiros, no sentido de que na escola ocorre atos de racismos, preconceitos e discriminações contra o negro, e estes mesmos fatos acabam sendo deixados de lado como se nada houvesse acontecido. Nesse sentido, o papel da escola, juntamente com seus profissionais, deve ser de ajudar os alunos que sofrem tais insultos discriminatórios, e de reverter tal quadro vigente na escola, como também devem estar atentos a essas práticas que na maioria das vezes são utilizadas contra pessoas de cor diferente do padrão social, ou seja, o negro.

Muitas vezes ocorre o fato do docente se utilizar da ideia de que é normal quando a discriminação ocorre entre crianças e jovens, pois isso é brincadeira comum entre eles, e quando adultos se torna algo rotineiro e natural aos olhos de muitos. E é desse posicionamento dos profissionais da educação que preferem não comentar ou não intervir que surge a ideia de ser neutro, pois não está “defendendo ninguém”. Mas sabemos que atitudes como estas afetam de forma profunda e negativa o negro. A escola deve tomar posição imediatamente quando se fala de práticas de preconceitos, pois com uma intervenção adequada pode ajudar a combater a exclusão que ocorre na sociedade e nas instituições de ensino. Consequentemente a isso, nosso objetivo é compreender como a neutralidade dentro da escola acaba ajudando nas práticas de preconceitos e discriminações contra o negro.

O que queremos dizer tem haver com a ideia de neutralidade existente em muitas escolas, e utilizada por vários professores que fazem com que esses acontecimentos fiquem ocultados e por isso acabam cristalizando-se entre as pessoas. E essa neutralidade geralmente é a ferramenta encontrada pelos docentes que não percebem ou então optam por não intervir nas práticas racistas dos seus alunos e consequentemente isso afeta o desempenho do seu alunado, sobre tudo para os que sofrem tais ofensas. Nossa problemática gira em torno da seguinte pergunta: Já que a escola é um local que deve prevalecer a valorização às diversidades dos alunos nela existentes, porque muitos docentes acabam se utilizando da postura neutra que acaba ajudando na permanência de preconceitos contra negros e negras e afetando a formação da sua identidade cultural?

Nossa pesquisa se justifica por vários contextos analisados e que mostram que a não intervenção da escola e do professor, isto é, a sua “neutralidade” acaba corroborando na produção e reprodução de estereótipos contra os afro-brasileiros. A mesma possui enfoque bibliográfico.

Ser neutro nesse sentido está totalmente carregado de um pensamento de dominação que preferem valorizar as pessoas de tom de pele clara, de culturas, identidades e

características “melhores” (geralmente pertencentes aos brancos). E o professor muitas vezes se utiliza desse mecanismo para ter alunos passivos e estáticos na sala de aula, pois alunos bons são alunos quietos, que não perguntam e nem fazem questionamentos, com isso fazem da nossa educação um meio centralizador de conhecimento que valoriza saberes e heranças de um povo e desvaloriza e apagar os demais.

O silêncio de educadores diante do incômodo causado por um estudante que age de forma distinta da maioria não é uma atitude neutra. É uma tentativa de eliminá-lo. Fingir que alguém não existe nada tem de imparcial, e ignorar costuma ser a melhor forma de fazer valer os padrões de comportamento considerados “bons”, “corretos”, “normais”. O silêncio e a tentativa de ignorar o diferente são ações que denotam cumplicidade com valores e padrões de comportamento hegemônicos (MISKOLCI, 2005, p. 18).

Neste ponto, podemos perceber que a postura do professor apesar de ser “neutra”, está carregada de pensamentos baseados nos das elites dominantes, pois com essa atitude o educador acaba ocultando e minimizando os atos discriminatórios que muitos negros sofrem diariamente dentro da sala de aula e que muitas vezes podem refletir nos altos índices de evasão escolar, reprovação, repetência entre outros exemplos no contexto educacional.

É um absurdo sabermos que em pleno século XXI nossa educação ainda insista em ser homogênea, no sentido de querer seguir uma determinada linha de pensamento ou de valorizar padrões tidos como perfeitos. Continuar nesse modelo de ensino acaba prejudicando nossa educação de forma geral, pois quando se prioriza trabalhar dentro da escola com práticas que não condizem com seus alunos, isto é, quando não se busca trabalhar com as diversas culturas e identidades da sua clientela, conseqüentemente teremos pessoas que não possuem identidades próprias e acabarão assimilando para si, características que não as pertencem e também rejeitar suas heranças próprias. Heranças essas que tem muito haver com os afro-brasileiros, com negros e negras, com sua história de lutas em prol da liberdade, igualdade, dignidade, entre outros fatores.

O sistema educacional brasileiro, como todo sistema nascido no seio de uma sociedade dependente e colonial, criou estruturas centralizadas que não atendem nem à realidade nacional nem às peculiaridades regionais. Mas não está apenas aí o problema. Por mais insignificante que seja a influência da escola, sobre tudo depois que a televisão se implantou em todo país, ela, com seus padrões impostos de fora, cria hábitos de dependência e passividade. A educação, assim, pode dar uma grande contribuição à subserviência (GADOTTI, 1992, p. 86).

Podemos perceber que esse pensamento centralizador e padronizado que nossa educação possui, está fortemente relacionado com nossa época colonial, já que durante esse período os saberes e culturas que os povos que aqui existiam não eram tidos como ideais, por isso a implementação do ensino vindo de fora (europeu) foi aplicado no Brasil demasiadamente. Esse modelo de ensino que ocorreu há séculos atrás, na nossa contemporaneidade ainda é muito aplicado. Ensino esse que acaba ocultando as diversas e múltiplas culturas aqui existentes devido às várias matrizes étnicas que aqui existiram e ainda existe.

Mas mesmo assim não podemos estar apenas estudando fatos que ficaram e marcaram nossa história, não que eles não sejam relevantes, e sim porque muitos na sociedade vigente não aceitam escolas e professores que durante o dia a dia escolar preferem o ensino cimentado e padronizado enquanto nossos alunos anseiam por práticas que os façam se sentir importantes e ativos na sociedade.

2 EDUCAÇÃO CONTRA EDUCAÇÃO

Enquanto docentes, devemos estar sempre atentos com nossas práticas e posturas no ambiente escolar, pois é nesse local que deve ocorrer o rompimento com vários preconceitos e estereótipos que ajudaram nossos alunos durante seu percurso educacional como também fora da escola.

O professor possui a capacidade de ajudar o aluno a emancipar-se, no sentido de mostrar a ele a verdadeira realidade social e cultural que os menos favorecidos se encontram, ou também de poder mantê-lo na ilusão de democracia racial, onde negros e brancos vivem de forma harmoniosa e igual. Mas o que podemos perceber durante nossos estudos é que muitos educadores preferem se utilizar de metodologias ultrapassadas onde se priorizam histórias, culturas e identidades que muitas vezes não possui nenhuma semelhança com sua escola e alunado. E consequentemente acabam prejudicando os povos que geralmente se encontram à margem da sociedade como é o caso muitas vezes dos afro-brasileiros, que mesmo com suas lutas diárias possuem muitas dificuldades e barreiras para serem realmente valorizados.

A postura neutra que muitas escolas e professores se utilizam acaba velando o enorme abismo existente na educação brasileira que separam negros e brancos, no sentido que o negro dentro da sala de aula se sente como um corpo estranho, onde não se ver em nenhum momento reconhecido e valorizado, enquanto o branco está situado do outro lado da via, pois os conteúdos utilizados, e informações passadas, estes estão bem mais familiarizados e

acostumados com este tipo de ensino. Ou seja, a escola apesar de não se reconhecer assim, na verdade prioriza e se baseia no seu alunado branco enquanto o aluno negro acaba sendo um que geralmente não possui cultura e identidade e que por isso deve ser esquecido.

Percebe-se que como resultados dessa padronização na nossa educação as pessoas que não se sentem valorizados acabam tomando para si características de culturas que não as pertencem e conseqüentemente a isso acabam desprezando e rejeitando as culturas tidas como ruins e negativas que erroneamente são relacionadas ao negro.

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, desenvolver comportamentos de auto-rejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações (SILVA, 2005, p.22).

A citação acima exposta enfatiza mais ainda que pessoas e povos que não se sentem respeitados e são inferiorizados, acabam muitas vezes tomando partido para outras culturas e identidades que não os pertencem, e que certamente os desvalorizarão mais ainda, ou seja, ele apenas se tornará um ser manipulado pela ideologia dominante. Neste sentido a escola deve se emancipar do pensamento centralizador e eurocêntrico e buscar novos caminhos em prol das inúmeras diversidades existentes no seu interior.

E contextualizando o pensamento de Bourdieu (2005, p. 46) para nossa discussão ele nos diz: ‘Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais’. Por consequência essa naturalização acaba fazendo com que os oprimidos percam força e não reflitam sobre as condições de vida pelo qual estão passando, fazendo com que preconceitos, discriminações e racismos sejam normais no nosso dia a dia, como também dentro da escola. Os docentes que não estão atentos a estas questões até agora levantadas, certamente acabarão reproduzindo e ao mesmo tempo velando atos que fazem o negro ser inferior ao branco.

Isto significa que nossos profissionais da educação devem procurar novos conhecimentos. Conhecimentos estes que são práticas relacionadas às múltiplas diversidades que nossos alunos possuem e por isso devemos ter como objetivo valorizar os diferentes. E o negro não foge a regra, pois pelo mesmo ser um dos principais alvos de racismos e preconceitos dentro e fora da escola, esses povos devem ser respeitados e reconhecidos urgentemente no âmbito escolar.

A educação brasileira continuando neste percurso segregacionista e que oculta às discriminações que o negro sofre dentro da escola, conseqüentemente acabará fazendo dos seus alunos pessoas altamente preconceituosas e que não respeitam as identidades culturais que os demais alunos possuem. E o professor por fazer parte da escola não pode fechar os olhos para tais discursões, pois estas mesmas podem interferir no aprendizado dos seus discentes.

É evidente que postura neutra que a escola insiste em utilizar é prejudicial para todos que fazem parte da mesma, principalmente para os alunos que ao invés de construírem e elevarem seu senso crítico acabam tornando-se pessoas passivas e com a ilusão de que não existem discriminações contra o negro. Isto é, precisamos rever nossos conceitos com relação à educação e fazer com que ela assuma seu verdadeiro papel que é de formar pessoas que respeitem as diversidades étnico-culturais que os educandos possuem, desvelar racismos e estigmas que são demasiadamente praticados em nossas escolas, onde as mesmas preferem camuflar e escondê-los.

A escola ainda é o espaço das reproduções ideológicas da classe dominante, isto é, excludente, segregadora e desigual, mas também, é um espaço para os questionamentos e transformadores. É fato que o modo de ser do professor, seu jeito de pensar, agir e sentir repercutirá no comportamento dos alunos, bem como a imagem e a concepção que o aluno tem do professor também irá interferir na ação de ambos (PEREIRA; SARAIVA, 2013, p. 3).

Como salienta Pereira e Saraiva, nas instituições de ensino ainda prevalecem às desigualdades com relação a dominantes e dominados, mas, por outro lado é nessas instituições que deve ocorrer as mudanças a essas mesmas desigualdades, pois com nossos professores atentos a valorização das raízes africanas que nós brasileiros possuímos, certamente daremos um passo importante em busca de uma educação que realmente trabalhe com as identidades culturais do seu alunado. Concernente teremos pessoas que se auto reconhecem com relação a sua identidade e a partir disso saberão valorizar as demais identidades que todos nós possuímos.

E como nos diz os autores a seguir:

A educação/identidade quando bem trabalhada, com certeza deve imunizar o ser social contra esse processo alienante e o conduzirá para o caminho do respeito mútuo e valorização de todos. Por isso não basta apenas à leitura e palavras bonitas contra o preconceito ou racismo é preciso que tenhamos

atitudes, práticas diárias, para que possamos ter um futuro digno e ideal para todos independente de cor, religião, sexo, etc. (MACÊDO; FEITOSA, p.7).

Compartilhando do pensamento dos autores, podemos perceber que a educação está intimamente relacionada com seus alunos, ou seja, a escola possui bastante influência na formação destes no âmbito escolar, social, político e cultural. Portanto, nosso ensino educacional ao se comprometer em buscar valorizar as diferentes raízes culturais que seu alunado possui, certamente irá romper com os padrões dominantes vigentes nas nossas escolas e com a neutralidade. Nesse contexto o papel do professor é imprescindível para que nossas salas de aulas se tornem um local de conflito e discussões sobre esta temática que ainda é muito esquecida.

É inegável a relevância das ideias até agora expostas, mas para que estas cheguem a nossas escolas é necessário que o professor se dedique no campo da pesquisa para sempre buscar novos conhecimentos e através disso possa desconstruir pensamentos e práticas errôneas que ele mesmo pode estar utilizando, como também ajudar seus alunos a não praticar atos segregacionistas contras seus colegas de turma ou escola.

Nossos docentes tem papel fundamental para rompermos com a ilusão de que não existem conflitos dentro da escola, ou então não existem discriminações. Quer-se dizer que o professor deve eximir-se de mecanismos que corroboram com a desvalorização no negro e suas heranças culturais, tidas como negativas e inaceitáveis. Isto é, o profissional da educação tem que tomar partido da situação e não ficar quieto ou calado, em outras palavras o professor não pode ser neutro, pois caso ele utilize essa conduta estará ajudando na permanência de preconceitos e racismos na escola contra seus alunos, que podem absorver para si estas práticas e apenas reproduzir aquilo que aprenderam dentro da escola e na sociedade.

O saber do aluno, normalmente, é fragmentado, caótico, estereotipado, fruto de sua socialização na formação social capitalista. O professor precisa reordenar esse saber e o seu próprio, elucidando-o, tornando-o coerente. É a partir dessa tarefa diretiva que ele e o aluno, juntos, ganharam consciência da qualidade de seu conhecimento e de como ele é produzido. É apenas dessa forma que eles podem romper com o velho e construir o novo (GADOTTI, 2006, p. 96).

A importância do professor na formação do seu aluno é de fundamental importância, pois com metodologias que atendam aos anseios dos discentes, nossa educação evoluirá significativamente, isto é, ao invés de termos alunos que não se conhecem e não se acham

ativos socialmente, teremos agora pessoas pensantes e ativas no seu meio e ainda ajudaram a construir pensamentos novos e práticas novas.

Neste momento devemos começar uma mudança no contexto educacional onde a postura da escola muitas vezes é tida como neutra, isto é, não intervêm nas práticas discriminatórias que ocorriam dentro da mesma, e por consequência disso os alunos serão facilmente manipulados e alienados. Já com as necessidades que hodiernamente nossos educandos exigem devido suas diferenças, os docentes devem buscar se aperfeiçoar para que possam trabalhar da melhor maneira possível com o seu público estudantil. E por tanto a sala de aula deve tornar-se um local revolucionário, que nunca deveria ter perdido este princípio, mas que devido ao nosso processo histórico acabou se prendendo a nossa sociedade de forma equivocada, mas que nem por isso devemos desistir de tal proposito. Muitos intelectuais sempre bateram na tecla de que a educação deve se mostrar no seu mais importante objetivo, que é de ajudar a construir pessoas reflexivas e atentas na sociedade.

Tal esforço é necessário para que possamos romper de vez com esse paradigma que assola nossa educação há tanto tempo, devido à falta de conhecimento ou de atitude que muitos professores possuem, acabam reproduzindo inconscientemente ou não, racismos e preconceitos que se espalham demasiadamente entre nossos educandos rotineiramente.

Como reflexo desta postura desafiadora que os profissionais nas escolas devem utilizar, teremos realmente alunos que podem intervir e contribuir para que enfim possamos romper efetivamente com mecanismos que fazem dos afro-brasileiros inferiores e estigmatizados com relação aos brancos, que fazem parte da classe dominante.

Temos repetido ainda que a educação é compromisso, é ato, é decisão. Educar-se é tomar posição, tomar partido. E o educador educa educando-se, isto é, tomando partido, posicionando-se. É verdade que, sendo a neutralidade impossível, também aquele que não toma partido, toma partido, isto é, toma partido do mais forte, da dominação. Mas existem ainda entre nós educadores que preferem esconder-se atrás da pseudociência ou burocracia, para não se posicionar. Esses estão assumindo concretamente o partido do poder, fazendo o seu jogo. Estão comprometidos com ele. A seu modo eles exercem sua dimensão social, cumprindo ordens, desumanizando-se a si mesmo. Esse é outro lado da profissionalização “puramente técnica” (mas que não deixa de ser política) que as reformas burocráticas pretendem implantar (GADOTTI, 2006, p. 15).

Quer se dizer, que para o educador é necessário que o mesmo rompa com a padronização e se mostre verdadeiramente compromissado em tornar nossa sociedade mais justa e menos desigual. E sua tomada de partido é um passo muito importante para que nossa educação saia da situação que se encontra atualmente, que é de tornar uma parte seus alunos

submissos e a outra parte dominante, para que enfim possamos ter uma verdadeira igualdade, nos seus vários âmbitos sociais, culturais, religiosos, econômicos e etc.

Podemos assim perceber que a educação quando bem utilizada pode e deve ajudar as pessoas a se emanciparem de atos que prejudicam a todos, no sentido de que quando um negro sofre discriminação ele mesmo se sente o culpado e impotente e o discriminador se sente no direito de ofendê-lo da maneira como quiser. E por consequência desse processo histórico ambos se separam, ou seja, um deixa de valorizar o outro e com isso acabam se afastando e não se respeitando.

Neste contexto a falta de assimilação do negro com sua cultura e identidade devido à negação sociocultural que nossas escolas produzem e reproduzem, acabam repelindo os mesmos de suas características históricas que não são vistas nas salas de aulas, enquanto outros padrões tidos como melhores são aplicados constantemente no cotidiano escolar, fazendo assim com que uma grande parte das nossas heranças que adquirimos dos africanos, fiquem esquecidas, e quando surge um pequeno esboço para apresentá-la, ela é vista com maus olhos e por isso a discriminam e reprimem.

O que queremos afirmar aqui é que nosso ensino deve transformar-se, isto é, se modificar no sentido de que nossos conteúdos devem não mais vir de forma hierarquizada, vindo de cima para baixo, mas sim vindo de baixo para cima, ou seja, vindo a partir do que os menos favorecidos conhecem e necessitam. Aplicando esse modelo mais justo e democrático, nossos alunos poderão se sentir mais importantes e valorizados, porque agora não se terá mais conteúdos que a maioria dos seus alunos desconhecem e nunca viram, e sim contextos que os façam compreender verdadeiramente a relevância da escola, como também a importância dos mesmos.

E para reforçar nossa linha de pensamento Gadotti nos diz:

É esse o trabalho essencial do pedagogo revolucionário: não é se ocultar, ficar “neutro” em meio à “doença da opinionite”. Será apenas a partir de conteúdos verdadeiros que poderemos construir métodos verdadeiros. Não existindo critérios absolutos que nos possam indicar uma direção segura, se tomamos a experiência e os interesses das grandes massas como conteúdos primeiros do ensino, temos, pelo menos, uma chance de não estarmos no caminho errado. (GADOTTI, 2006, p.97)

A citação acima reitera cada vez mais o papel da escola e sobre tudo do professor no âmbito escolar, pois é ele que irá ajudar seu aluno de forma positiva ou negativa, dependendo dos seus níveis de instrução, dedicação e conhecimento. Caso ele busque trabalhar de acordo com os anseios dos menos favorecidos, poderá estar dando uma contribuição imprescindível

para os mesmos, porque só assim poderemos dar voz e vez para aqueles que são importantes no nosso país, mas que infelizmente continuam esquecidos, que são os descendentes dos africanos.

Em outras palavras muito utilizadas entre autores que estudam as relações étnico-raciais, poderíamos dizer que queremos uma “educação enegrecida”, isto é, queremos que os menos privilegiados, sejam valorizados. E ao mesmo tempo em que queremos que este seja o momento do negro, não queremos que ocorra racismos e preconceitos inversos (negro superior ao branco), somente queremos que todos sejam valorizados de acordo com cada herança cultural adquirida dos seus ancestrais, e o negro não foge a regra disso.

Podemos salientar também que o enegrecimento da educação pode e deve ter reflexos na própria atitude do negro com relação a suas práticas diárias, pois ele se reconhecendo como negro, e a escola se empenhando para ajudá-lo, certamente teremos uma sociedade mais justa e melhor. E de acordo com Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva.

A consciência negra exige esforço para se desalienar, para deixar de pensar pela cabeça dos outros que nos têm explorado e oprimido. Exige esforço para construir, tendo por base a nossa história em seus diferentes contextos no continente africano e na diáspora, nossa libertação. (SILVA, 2005, p.46)

Atitudes diárias no intuito de tornar nossa sociedade mais justa e igual são atos que nos fazem ver a realidade como ela é nua e crua. Isto é, percebemos suas desigualdades que estão arraigadas entre boa parte de nós e que ocultamente vai se perpetuando de gerações em gerações e assolando cada vez mais nosso país. Mas possuindo a consciência negra poderemos romper com esse padrão de segregação e construirmos outro sem afastamento entre as diferentes pessoas, e buscarmos a união através do conflito no intuito de desvelar e desmistificar preconceitos e racismos que ocorrem em vários locais, inclusive na escola.

Nesse contexto o papel da escola é fundamental para fazer com que seu alunado perceba as desigualdades e segregações que ocorrem no seu dia a dia. A educação que buscamos agora não deve estar mais escondida, ocultada ou então neutra, ela está agora se mostrando como ela deve ser, que é de formar pessoas pensantes e capazes de ajudar positivamente a todos. Só assim poderemos diminuir as disparidades que acontecem dentro da escola quando falamos em educação para o negro e educação para o branco.

A educação significa consciência de direitos, consciência da exploração, significa cultura, e os regimes obscurantistas temem a cultura, têm pavor da consciência, têm pavor de que seus interesses sejam do conhecimento

público. Por tudo isso eles fazem campanha contra a educação. (GADOTTI, 2006, p.137).

Isto é, a educação não deveria servir para privilegiar uma minoria e esquecer a grande maioria. A escola significa reflexão e atitude, e isso tudo no intuito de melhorar nossa sociedade e conseqüentemente ela própria.

E como já mencionamos anteriormente a educação deve ajudar quem mais necessita dela, ou seja, o negro e outros grupos estigmatizados (mulheres, homossexuais, deficientes físicos, e etc.), porque desta forma, os mesmos possuindo uma educação de qualidade e que saiba trabalhar com as diversidades com o intuito de valorizar os desvalorizados certamente abriremos o espaço para o conflito e discursões sobre o modo como nossa sociedade e escola se encontram contemporaneamente.

3 CONCLUSÃO

Portanto podemos perceber que nas nossas escolas devido à raízes históricas, ainda prevalecem o ensino padronizado e centrado de acordo com que a classe dominante pensa e deseja. E esse modelo acaba deixando de lado as demais culturas e identidades que os alunos possuem e isso não pode ser esquecido jamais. Em outras palavras a escola está discriminando os grupos menos valorizados que geralmente o negro pertence.

E o professor é um dos responsáveis por essas desigualdades dentro das nossas instituições de ensino, pois o mesmo não busca se aperfeiçoar para saber trabalhar com as diversidades que irá encontrar dentro da sala de aula, ele acaba colaborando com racismos e preconceitos contra alunos e alunas negras. E caso ele não possua conhecimento sobre tais assuntos, ele poderá ajudar para que essas discriminações se cristalizem cada vez mais na escola e conseqüentemente fora dela. Necessitamos de professores com práticas e pensamentos voltados para o público que mais necessita e assim poderemos melhorar nossa educação.

É claro que não é somente o professor o culpado por termos uma educação que segrega os alunos negros, sabemos que isso também tem haver com outros fatores que envolvem a esfera política, social, econômica, escolar entre outros. Mas nem por isso a função

do professor deixa de ser importante e por isso mesmo ele deve buscar se emancipar de práticas que preferem desvalorizar culturas e pessoas que são tidas como ruins.

O que buscamos aqui é que todos os docentes que fazem parte da escola estejam atentos e preparados para trabalhar com as diversidades culturais e sociais dentro da sala de aula e que através disso busquem meios para que seu alunado possa compreender as diferenças entre os mesmos, e com isso se reconhecer identitariamente, além de compreender e respeitar as demais identidades culturais que os outros alunos possuem.

Nossa educação com este fim, de tornar o seu aluno ativo na escola e sociedade irá torná-lo crítico e consciente do seu papel para ajudar e melhorar nosso cotidiano. E para que o discente tenha essa consciência é necessário que ele compreenda o que ocorre na escola com relação a racismos e preconceitos e discriminações.

Nesse contexto a escola deve tomar partido imediatamente, pois sua postura tida como neutra, acaba apoiando uma ideologia que busca reforçar as desigualdades entre negro e brancos, com a intensão de esconder e camuflar tais desigualdades que tornam nossa educação harmônica, no sentido de que seus alunos pensem que não ocorre nenhum tipo de discriminação dentro da mesma. E por reflexo disso teremos alunos não crítico e que acabam produzindo e reproduzindo atos racistas dentro e fora da escola.

E para que possamos reverter esse quadro são necessárias atitudes práticas e diárias no intuito de construirmos uma educação voltada para seus alunos que historicamente são desprezados e assim contribuir para que nosso país possa ser de todos e não somente de uma pequena parte da população.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GADOTTI, Moacir. Moacir. **Diversidade cultural e educação para todos**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

MACÊDO, Leandro Pereira de Sousa; FEITOSA, Melkzedek de Souza. **A importância da educação no processo de construção da identidade brasileira, destacando a influência africana**. Campina Grande: Anais do VFIPEd – Realize Editora, 2013.

MISKOLCI, Richard. Um corpo estranho na sala de aula. In: **Afirmando diferenças:** montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. (Orgs.) Anete Abramowicz; Valter Roberto Silvério. Campinas – SP: Papirus, 2005.

PEREIRA, Robison Raimundo Silva; SARAIVA, Olympia Maria Silva. **Contradições, desafios e tensões:** relações complexas da formação de professores para a diversidade. Campina Grande: Anais do V FIPEd – Realize Editora, 2013.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: **Superando o racismo na escola.** (Org.). Kabengele Munanga. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2005.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Pesquisa e luta por reconhecimento e cidadania. In: **Afirmando diferenças:** montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. (Orgs.) Anete Abramowicz; Valter Roberto Silvério. Campinas – SP: Papirus, 2005.